

## O CONHECIMENTO

Marcos A. Lorieri  
PUC de São Paulo

O grande esforço do conhecimento é o de captar a realidade essencial das coisas, dos fatos, das ações, de tudo, enfim. Por isto é que dizemos ser o conhecimento o processo de apropriação mental que o homem realiza em face do mundo de que faz parte, na tentativa de elaborar explicações que lhe indiquem, em última instância, o que é tudo.

Podemos dizer, com Karel Kosik<sup>1</sup>, que este processo de conhecimento "trata da coisa em si", isto é, trata de captar a essência das coisas inclusive do próprio homem.

Acontece, porém, que a essência das coisas, ou a "coisa em si" não se manifesta imediatamente (claramente, diretamente) ao homem. "Para chegar à sua compreensão, é necessário fazer não só certo esforço, mas também um "detour"<sup>2</sup>, diz Kosik, isto é, tem que haver uma espécie de caminhada mental ao redor de cada objeto de conhecimento, isto é, de cada coisa como ela aparece para se poder atingir o que ela é, em si mesma. Porque o que aparece da coisa, dos fatos, da realidade, não é tudo. É manifestação que está a "provocar", vamos dizer assim, a atenção do homem, da sua consciência, para que ele realize o processo de captação, de apropriação mental da realidade essencial das coisas.

Aquilo que "aparece" das coisas (mas que não é o tudo das coisas) nós chamamos com uma palavra que veio do grego e que significa mostrar, revelar, fazer aparecer: fenômeno. Aquilo que diretamente (imediatamente) chega aos sentidos e se mostra à nossa percepção, são os fenômenos das coisas, são as suas aparências, é aquilo que faz as coisas chamarem a atenção do homem. Mas os fenômenos chamam a atenção do homem porque o homem faz parte da realidade, "exercendo sua atividade prática no trato com a natureza e com os outros homens, tendo em vista a consecução dos próprios fins e interesses, dentro de determinado conjunto de relações sociais".<sup>3</sup>

Chamamos a atenção do homem porque o homem tem uma capacidade de percepção mental da realidade e está na realidade e com ela, construindo esta mesma realidade e a si mesmo nela.

Daí que, ao afirmarmos que os fenômenos chamam a atenção do homem, não estamos contrapondo à realidade um abstrato sujeito cognoscente ou uma mente pensante que examina a realidade especulativamente mas estamos querendo dizer que, nesta realidade e somente no seu fazer constante nela, o homem faz, também, interpretações mentais dela e de si mesmo. Estamos querendo dizer que a produção de conhecimentos só pode ocorrer nas relações que o homem mantém com a realidade e que, portanto, a realidade condiciona o conhecimento do homem e até a sua própria forma de conhecer.

“No trato prático-utilitário com as coisas em que a realidade se revela como mundo dos meios, fins, instrumentos, exigências e, esforços para satisfazer a estas — o indivíduo “em situação” cria suas próprias representações das coisas e elabora todo um sistema correlativo de noções que capta e fixa o aspecto fenomênico da realidade”.<sup>4</sup>

Só que estas representações nascidas deste “trato prático-utilitário com as coisas” que é o dia-a-dia, o agir comum das pessoas, não são, ainda a apreensão mental da “coisa em si”. São apreensões dos fenômenos, daquilo que aparece da “coisa em si” e servem ao homem para orientar as suas ações costumeiras, tornando-os familiarizados com a realidade na medida em que os ajuda, por exemplo, a denominar objetos, a identificar pessoas e situações proporcionando-lhes o que chamaríamos de **senso comum**.

Este **senso comum**, ou estas representações comuns a todos os que participam de forma prática da realidade não proporcionam ao homem a **compreensão** das coisas e da realidade. A compreensão seria a captação da “coisa em si”, so seu núcleo interno essencial e produziria, no homem, conceitos claros da realidade e não apenas representações fragmentárias dela.

Veremos, mais adiante, em que consiste a verdadeira, compreensão e que formas de conhecimento a possibilitam.

Vamo-nos deter um pouco mais nisto a que estamos chamando de representações e que são produzidas pelo homem de forma imediatista e fragmentária.

Diz-nos Kosik que estas representações são projeções dos fenômenos externos na consciência dos homens. E tais projeções geram na consciência dos homens uma forma de conhecimento impreciso e fragmentário, contraditório, assistemático porque produzido de forma desordenada, ao sabor das circunstâncias, acrítico porque não é constantemente reexaminado e fundamentado com **argumentos** sólidos. Este conhecimento é chamado de **conhecimento de senso comum**. Este faz parte de uma forma de existir do homem ou de maneira de ser na realidade que inclui um trato apenas superficial com os fenômenos ou com aquilo que aparece externamente, uma manipulação destes fenômenos apenas formal ou definida por alguém sem se preocupar com possíveis outros resultados de tal manipulação e uma espécie de convicção de que tudo o que acontecer é, de fato, a única realidade e não uma realidade produzida que poderia ou pode ser produzida de forma diferente.

Esta forma de existir, é claro, não leva o homem ao verdadeiro sentido da realidade fazendo-o viver em uma espécie de vazio ou de realidade falsa. A esta “realidade falsa”, Kosik, chama de **Pseudoconcreticidade** porque o que aparece como sendo o real concreto é apenas parte deste real, é falso, portanto e as interpretações deste real falso são também falsas. E, em sendo falsas, estas interpretações orientam

de forma falsa as ações dos homens na realidade, e isto acaba gerando uma realidade cada vez mais falsa e que pode ser manipulada por aqueles que conseguem perceber isto melhor.

Este "mundo da pseudoconcreticidade é um claro-escuro de verdade e engano. O seu elemento próprio é o duplo sentido".<sup>5</sup> Daí que este mundo falso deva ser destruído e, em seu lugar deva ser construído um mundo verdadeiro. Isto é possível porque no mundo da pseudoconcreticidade, ao ter o homem apreendido os fenômenos e não a "coisa em si" ele já apreendeu algo da "coisa em si". O fenômeno não é a "coisa em si" mas ele manifesta a "coisa em si" ao mesmo tempo em que a esconde por não manifestá-la totalmente e sim fragmentariamente. O engano da pseudoconcreticidade está em tomar a parte manifestada pelo todo da "coisa em si". Em tomar o fenômeno pela realidade toda. E por construir sobre as aparências um mundo de relações sociais que se apresenta como o mundo verdadeiro.

É necessário, portanto, que haja um esforço ( e um método adequado ) do homem que o leve à **compreensão** da verdadeira realidade da "coisa em si". Que o leve além dos fenômenos, das aparências, e façam o homem descobrir as verdadeiras relações entre a "coisa em si" e os seus fenômenos que a manifestam e, por isto, propiciam o encaminhamento da busca de sua essência, do seu fundamento oculto.

"Como a essência — ao contrário dos fenômenos — não se manifesta diretamente e desde que o fundamento oculto das coisas deve ser descoberto mediante uma atividade peculiar, têm que existir a ciência e a filosofia. Se a aparência fenomênica e a essência das coisas coincidissem diretamente, a ciência e a filosofia seriam inúteis".<sup>6</sup>

A ciência e a filosofia são, portanto, formas de conhecimento criadas pelo homem na sua ação de fazer e interpretar a realidade, tendo em vista garantir-lhe uma captação mais segura da essência das coisas. Estas formas de conhecimento pretendem superar as inconsistências do senso comum e, por isto, se pretendem mais sistematizadas, mais rigorosas, não contraditórias, melhor fundamentadas com dados e argumentos e constantemente vigilantes sobre si mesmas com a intenção de rever suas descobertas e a forma como a elas se chegou ( criticidade ).

Colocados, assim, no mesmo plano do conhecimento crítico, do conhecimento que se "estuda" a si mesmo e se exige rigor, sistematização, conferência constante com o real de onde parte e para o qual, também, também parte, onde poderíamos encontrar a especificidade de ambas as formas do conhecimento ? Ou por outra: o que são a ciência e a filosofia ?

### 1. A Ciência:

No dizer de Álvaro Vieira Pinto, "a ciência é a investigação metódica, organizada, da realidade para descobrir a essência dos seres e dos fenômenos e as leis que os regem com o fim de aproveitar as propriedades das coisas e dos processos naturais em benefício do homem."<sup>7</sup>

Toda investigação metódica e organizada que procura descobrir a essência dos seres, das coisas, daquilo que aparece ( dos fenômenos ) e que, além disto, faz esta investigação com a finalidade de aproveitar as propriedades das coisas em benefício do homem, a esta investigação nós a chamamos de ciência e, aos seus resultados, nós chamaremos de conhecimentos científicos.

A essência deste conhecimento científico está, ainda segundo Vieira Pinto<sup>8</sup>, na possibilidade de o espírito humano travar com o mundo, com a realidade, um círculo de relação que possui duas metades complementares: a primeira metade deste circuito, ou da relação do homem com o mundo é a captação do mundo, da realidade em que o homem "recebe" o mundo ou a realidade em si mesmo sob a forma de idéias, idéias estas produzidas de forma metódica e organizada. É o momento ou parte **indutiva**. A segunda metade desta relação é a parte **dedutiva** ou a parte de operação do homem sobre a realidade, onde ele "aplica" a aspectos particulares da realidade as idéias universais que produziu no primeiro momento reconhecendo o real e nele interferindo. É a parte operatória.

Só temos ciência quando há estas duas produções do homem: a produção de idéias do real e a produção de um novo real possibilitado pelas idéias. É aí que há uma distinção fundamental entre o conhecimento da ciência e o conhecimento do saber comum (do senso comum): na ciência se apreende o real (ou se procura apreendê-lo) para se interferir nele em proveito do homem. No senso comum aprendem-se noções do real e não se tem claramente a intenção de interferir no real.

Na ciência o conhecimento é um bem de consumo e, ao mesmo tempo, um bem de produção.

No senso comum, o conhecimento é apenas um bem de consumo: aprende-se algo que se apresenta como sendo o real e aprende-se alguma forma de operar neste real, sem se dar bem conta da validade deste conhecimento.

No dizer de Vieira Pinto no senso comum o indivíduo capta o real e produz idéias dele e as aplica, de novo, ao real. A indução e a dedução ocorrem, "mas ele não tem a ciência dos procedimentos do próprio pensamento, e por isso, não se diria que chegou do nível do saber científico."<sup>9</sup> E por não ter ciência dos procedimentos do próprio pensamento ele não domina, não é dono, do próprio pensamento nem dos procedimentos que o produziram: ele é levado a pensar o que pensa e a agir da forma como ele age. Ele é levado ao sabor das circunstâncias. Ele saboreia (ou "sabe") o que as circunstâncias lhe apresentam. Ele não capta a essência das circunstâncias (dos fenômenos) nem as leis que as regem.

No senso comum não há a captação daquilo que Jean Ladrière chama de "concatenação dos fenômenos entre si" dentro da esfera do próprio mundo em que eles se dão.<sup>10</sup> Não há a apreensão dos nexos causais dos fenômenos, das coisas, dos fatos que ocorreram no mundo.

Na ciência o que se busca é esta apreensão tendo em vista dominar os acontecimentos e as coisas dentro do próprio horizonte do funcionamento do mundo.

Não há, nas ciências, uma preocupação de ir além dos fatos e das coisas para inquirir do seu sentido último ou de sua significação fundamental mas há a preocupação de explicar as causas íntimas do "como opera" o mundo dos fatos, das coisas, das ações humanas. E de explicitar estas causas tendo em vista operar com elas, trabalhar a partir do seu conhecimento, com a intenção de repetir fatos ou coisas ou de criar novos fatos ou novos objetos.

A noção de "operar", de conhecer para operar ou para saber como opera o mundo, é uma noção que faz parte do entendimento do que seja conhecimento científico, além é claro, da noção de método e organização.

## 2. A Filosofia:

A noção de filosofia inclui, como no caso da ciência, a idéia de método e organização. Ela é uma forma de conhecimento rigorosa, metódica, que "se estuda a si mesma" (isto é crítica) e que pretende captar, com o esforço cognitivo que faz, a essência das coisas, ou a "coisa em si".

Nisto ela é semelhante à ciência. Sua distinção está em que ela não permanece no horizonte do "mundo dado", do mundo como operação de fenômenos, coisas, fatos, tendo em vista as causas de tal operação no intuito de apenas dominá-los e neles interferir e sim, vai mais além destas causas mais imediatas buscando, não diríamos causas mediatas ou últimas, mas sim o "porquê" da operação do mundo: a compreensão daquilo "em virtude do que pode existir um mundo, o que fecunda a possibilidade da concatenação dos fenômenos, em suma, a fonte última de toda constituição e de toda a produção", no dizer de Ladrrière.<sup>11</sup>

Ainda, segundo este autor, a filosofia e a ciência trabalham em horizontais diferentes: a ciência opera na compreensão do "horizonte do mundo" enquanto a filosofia opera na compreensão do "horizonte daquilo em virtude do que pode existir no mundo" ou seja, do "horizonte do ser".

A partir da antevisão deste horizonte é que caminha o esforço cognitivo e filosófico, através de seu método especulativo na busca do ser de tudo, ou o que é o mesmo, na busca daquilo que é o fundamento, o sentido de tudo o que existe. Todos os seres existem e ganham o seu sentido final ou último na idéia de ser. Além dos seres ( entes ) está "o ser". Os fenômenos, as coisas, os seres ou entes se ligam à esfera englobante última que fecunda ou possibilita concatenação de tudo.

É fundamental para o homem estar em busca e, de certa forma, tocar esta esfera englobante última que a tudo dá sentido. E porque é fundamental é que o homem cria forma específica de procurar conhecer este fundamento ou este sentido fundamental a que chamou de "ser". Tal forma específica chamou-se amor, ou que-rência ( filo ) do saber ( sofia ).

Este tipo de conhecimento não trabalha diretamente com os dados empíricos, nem como ponto de partida, nem como dados que testam ou verificam elaborações teóricas, mas trabalha as teorias elaboradas a partir dos dados, revendo-as, repensando-as, re-analisando-as, fazendo aquilo que é a principal característica do filosofar: reflete-as, ou melhor ainda, "reflexiona" a partir delas e entre elas.

Costuma-se chamar a este trabalho reflexivo de "especulação" e aos conceitos por ele elaborados de conceitos especulativos.

A idéia de especulação gerou um entendimento de que o trabalho de filosofar seria um trabalho abstrato ou desligado da realidade. "Um trabalho muito especulativo" e que não leva a nada, afirmam muitos que não alcançam o verdadeiro significado de tal trabalho.

O verdadeiro e autêntico trabalho especulativo deve ser um trabalho intelectual de retomada atenta, metódica, rigorosa, profunda e global dos conceitos elaborados com o trabalho científico e mesmo com o esforço realizado pelo saber ordinário ou do senso comum no intuito de, ao retomá-los, tentar extrair deles os significados últimos, ou fundamentais desta realidade que tais conceitos reproduzem no conhecer humano.

Não se trata de inventar idéias desvinculadas da realidade mas sim de “re-trabalhar” as idéias produzidas a partir da captação já feita desta mesma realidade.

Trata-se de especular as idéias primeiras na tentativa de extrair delas e, portanto, da realidade que elas carregam, outras idéias, outros significados. Idéias segundas.

“Trata-se de fazer aparecer um sentido novo apoiando num sentido já situado”, diz Ladrière<sup>12</sup>. Um segundo sentido. Uma compreensão de segundo grau.

A de primeiro grau, aquela “tirada” diretamente dos dados dos fatos, dos fenômenos, é a compreensão obtida pelo conhecimento do senso comum e pelo conhecimento científico.

O conhecimento filosófico pretende obter um segundo nível ou um segundo grau de conhecimento: um conhecimento que é “tirado” do conhecimento de primeiro grau pela reflexão rigorosa, radical e global a partir das questões, dos problemas que tal reflexão levanta ao retomar a realidade, através dos conceitos que o homem tem dela.

No conhecimento filosófico a realidade mostrada pelas outras formas de conhecimento é problematizada e “re-vista” tentando-se obter, nesta revisão, não mais as fórmulas de manipulação da realidade, mas as suas razões fundamentais.

Realizar este esforço é fazer filosofia. É colocar-se frente ao horizonte do ser de tudo. É caminhar em busca do sentido de tudo e de si mesmo.

## NOTAS

- (1) Kosik, K. *Dialética do Concreto*, R.J., Paz e Terra, 1976, pp. 9.
- (2) Kosik, K. *idem*.
- (3) Kosik, K. *ibidem*.
- (4) Kosik, K. *Obr. cit.*, pp. 10.
- (5) Kosik, K., *Obr. cit.*, pp. 11.
- (6) Kosik, K., *Obr. cit.* pp. 13.
- (7) Pinto, A. V. *Ciência e Existência*, R.J., Paz e Terra, 1979, pp. 30.
- (8) Pinto, A. V. *idem*, pp. 33.
- (9) Pinto, A. V., *Obr. cit.* pp. 37 e 38.
- (10) Ladrière, J., *Filosofia e Práxis Científicas*, R.J., Fr. Alves, 1978, pp. 24 e 25.
- (11) Ladrière, J. *Obr. cit.*, pp. 25.
- (12) Ladrière, J. *Obr. cit.* pp. 28.